

DOCUMENTOS RUSSOS SÔBRE O BRASIL.

Devidamente autorizados por Dom Clemente Maria da Silva-Nigra, O.S.B., Diretor do Museu de Arte Sacra de Salvador (Bahia), divulgamos hoje nossa tradução de dois documentos recolhidos por êle durante sua primeira viagem à Rússia, realizada em 1963. Ambos nos foram encaminhados em cópia dactilográfica do original russo, efetuada graças a uma gentileza do Secretário do Arquivo da Academia de Ciências da URSS, em Leningrado, Aleksandr Chemikov. Traduzimos êsses documentos, acrescentando algumas notas às já existentes no texto. As de nossa autoria diferenciam-se pelo acréscimo das nossas iniciais.

Torna-se supérfluo sublinhar a importância dêsses documentos trazidos por Dom Clemente M. da Silva-Nigra, O. S. B. Outros no gênero nos foram igualmente encaminhados e serão divulgados oportunamente.

Em 1965, Dom Clemente realizou nova viagem à Rússia, desta vez fotografou valiosos materiais sôbre o Brasil, existentes naquele país. Depois da visita à Rússia, a pesquisa prosseguiu na Alemanha e em Lisboa, onde Dom Clemente recolheu importantes materiais, quer sôbre os artistas que viajaram pelo Brasil e cujas obras se conservam no Arquivo de Leningrado, quer sôbre G. I. Langsdorff.

BORIS SCHNAIDERMAN

Professor de Língua e Literatura Russa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Paulo.



M. Solovióv

MATERIAIS DA EXPEDIÇÃO DE MAURÍCIO DE NASSAU AO BRASIL (1636-1643), EXISTENTES NO INSTITUTO DE ZOOLOGIA DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA URSS (atualmente no Arquivo da Academia de Ciências, em Leningrado).

Descobrimos em 1929, entre os papéis do acadêmico F. F. Brandt (1), conservados no Museu de Zoologia, atualmente Instituto de Zoologia da Academia de Ciências da URSS, uma pasta pertencente a Aleksandr Lehman (2), em que havia a inscrição "Lehmaniana", com letra do acadêmico K. M. Bair (3). Nessa pasta, além de outros documentos, havia duas sobrecapas brancas, que protegiam uma série de desenhos de animais, em guache e aquarela, providos de inscrições e acompanhados de notas em alemão.

Nas sobrecapas, aparecem, com outra letra, após a assinatura "Horkel", duas informações de um período posterior, a julgar pelo estilo, pelo tipo das letras e pela conservação da tinta, e que se referem à origem dos desenhos guardados naquelas sobrecapas. A conferência da letra, que assinara aquelas informações, com a letra do Prof. Horkel (4), de quem também encontramos, entre os já referidos papéis de Brandt, três cartas a este acadêmico, escritas há cem anos, isto é, entre 1832 e 1840, estabelece indiscutivelmente tratar-se da mesma pessoa: o acadêmico de Berlim, médico e fisiólogo Johann Horkel (1769-1846).

Numa das sobrecapas a que nos referimos, Horkel adverte que nela se encontram 124 fôlhas de desenhos. Destas, 12 re-

- (1). — F. F. Brandt, 1802-1879. Acadêmico extraordinário em 1832, acadêmico efetivo em 1833, diretor do Museu de Zoologia da Academia de Ciências.
- (2). — A. A. Lehman, 1814-1842. Eminente explorador das regiões polares da Rússia, da Ásia Central e das estepes da Kirguízia. Em consequência da morte prematura de Lehman, aos vinte e oito anos, as suas riquíssimas coleções foram preparadas pelos acadêmicos Brandt e Bair, que publicaram também uma descrição das suas viagens.
- (3). — K. M. Bair, 1792-1876. Acadêmico em 1828-1830 e 1834-1862.
- (4). — O dinamarquês J. Horkel nasceu em 1769, na ilha de Femarn, em Burg. Tendo recebido o grau de Doutor em Medicina, tornou-se Docente (1799), Professor extraordinário (1802) e efetivo (1804) de Medicina na Universidade de Halle, e, em 1810, Professor efetivo da Universidade de Berlim, sendo também eleito, em 1830, membro da Academia de Ciências de Berlim. A biblioteca da Academia de Ciências possui o seu livro: *Archiv für die thierische Chemie, herausgegeben von Dr. Johann Horkel, Privatlehrer der Chemie auf der Universität zu Halle, 1 Heft, Halle, 1800, u. 2 Heft, Halle, 1801 (1a). V. :1) Biographisch-Litterarisches Handwörterbuch zur Geschichte der exacten Wissenschaften von I. C. Poggendorf. Erster Band, A.-L.-S. Zweiter Band, M.-Z., Schlüssel". S. 454. 1462; "Moniteur des Dates", par Edouard Marie Oettinger, 1867. T. III.*

ferem-se a mamíferos, 4 a répteis, 52 a peixes, 41 a aves, 15 a lagostins, insetos e estrêlas do mar. Todos êsses desenhos constituem, segundo testemunho de Horkel, velhas cópias de figuras de animais, pintadas a óleo sôbre papel, por Franz Post. Natural de Haarlem (Holanda), êsse pintor, desenhista e gravador (nascido em data desconhecida, morreu em 1681), partiu para o Brasil em 1636, acompanhando o conde Maurício de Nassau. Durante a sua permanência em Pernambuco, Post desenhou, por ordem e sob a orientação de Maurício de Nassau, os referidos animais, no período de 1639-1644.

Os originais de Fr. Post foram, segundo testemunho de Lichtenstein (5), citado por Horkel na outra sobrecapa, presenteados (por volta de 1654) por Maurício de Nassau ao seu bom amigo, o grande eleitor de Brandenburgo. Mas, prèviamente, êle mandara tirar **zusammengedrângte Copien** dos originais de Post, sôbre as quais êle fêz pessoalmente as mesmas anotações existentes nos originais. Essas cópias de desenhos de Post, referentes, conforme já foi indicado, ao ano de 1654, com inscrições de Maurício de Nassau, é que estão, segundo afirmação de Horkel, na primeira sobrecapa.

A segunda sobrecapa, conforme as indicações de Horkel, contém 21 fôlhas de cópias de representações de animais, preparadas por outro companheiro de Maurício de Nassau em sua expedição brasileira, o talentoso astrônomo, naturalista e pintor Georg Marcgrav von Liebstadt bei Meissen. Marcgrav passou a fazer parte da expedição, graças à recomendação do sábio doutor Johannes de-Larta, que desempenharia um papel importante no ordenamento e edição dos trabalhos científicos deixados por Marcgrav, após a sua morte prematura. Êsses desenhos foram também acrescidos de inscrições feitas pessoalmente por Maurício de Nassau. Eles constituem apenas uma parte das ilustrações feitas por Marcgrav aos seus tão valiosos trabalhos sôbre a natureza brasileira.

A exemplo do que fizera com os desenhos originais de Post, Maurício de Nassau presenteou o grande-eleitor com os originais de Marcgrav, determinando prèviamente a confecção de cópias, e provendo-as pessoalmente, ainda segundo testemunho de Lichtenstein, das mesmas anotações existentes nos originais. Essas cópias dos desenhos de Marcgrav foram executadas na Holanda, em 1644-1646, e estão na segunda pasta.

(5). — O explorador e zoólogo M. H. Lichtenstein (1780-1857). Médico militar, tornou-se em 1811 Professor e, em 1813, Diretor do Museu Zoológico de Berlim. Fundou o Jardim Zoológico berlinense (1884).

Todos êsses desenhos adquirem importância particular, pelo fato de que os originais de Post e de Marcgrav, segundo afirmação de Horkel, perderam-se por ocasião do incêndio que destruiu a oficina gráfica em que se tiravam dêles gravuras para o livro **Historia naturalis Brasiliae (auspicio et beneficio illustrissimo I. Mauritii Nassau (1648)**. Êsse livro existe na biblioteca da Academia de Ciências da URSS, e constitui, segundo testemunho de Nagler, uma raridade, pois a edição quase tôda ficou perdida no incêndio. O Prof. Horkel afirma que os desenhos, existentes na Biblioteca Nacional de Berlim, e atribuídos por Lichtenstein a Post e Marcgrav, são na realidade cópias da mesma época, e parte dessas cópias estão nas sobrecapas encontradas por nós.

Lichtenstein, em sua comunicação, lida em 1885 numa sessão da Academia de Ciências de Berlim, com o título **Die Werke von Markgrave und Piso über die Naturgeschichte Brasiliens erläutert aus den Wieder aufgefundenen Originalzeichnungen** (6) relata minuciosamente as circunstâncias em que os referidos desenhos vieram à luz.

Johann Moritz, conde e, mais tarde, príncipe de Nassau-Siegen, foi enviado em 1636 ao Brasil, à frente de consideráveis fôrças holandesas, a fim de defender ali as possessões holandesas do ataque dos espanhóis (7). Essa expedição foi não só coroada de êxito militar, fortalecendo o domínio holandês no Brasil, mas teve também grande importância cultural e científica. Isto se deve ao fato de que Maurício foi acompanhado, em sua expedição militar, por alguns cientistas, que participaram de tôdas as suas campanhas e tornaram-se seus amigos: o sábio pregador Franz Plante, o médico-mor Wilhelm Piso, o jovem naturalista já citado, Marcgrav, e H. Cralitz.

Tendo passado no Brasil sete anos, Maurício de Nassau, auxiliado pelos cientistas já referidos, desenvolveu nas possessões holandesas do Brasil o comércio e a agricultura, construiu a nova cidade de Mauritia, povoando-a de holandeses e espanhóis, e junto à cidade ergueu para si o castelo de Freiburg, que rodeou de plantas e animais. Êsses exemplares eram trazidos por viajantes enviados por êle especialmente, não só ao interior da América do Sul, mas igualmente às costas da África, onde os holandeses possuíam também colônias. E, êstes modelos vivos foram observados diretamente, nos jardins e jau-

(6). — *Abt. der Königl. Akademie der Wissenschaften in Berlin. Aus den Jahren 1814-1815. Berlin 1818.*

(7). — No texto, em vez de portugueses está sempre grafado espanhóis (B. S.).

las, sendo também descritos e desenhados, pelos sábios companheiros de Maurício de Nassau, e às vèzes convidavam-se para tal fim pintores especializados (como no caso de Fr. Post).

Depois de sete anos, premido pelas mudanças políticas na Europa, Maurício de Nassau deixou o Brasil, levando consigo as suas coleções de História Natural. Elas eram tão volumosas, que encheram não só o seu gabinete particular de Ciências Naturais, mas também os museus de duas universidades e algumas coleções particulares. Menos afortunada foi a sorte de alguns dos cientistas, e justamente dos seus jovens companheiros, que haviam reunido as coleções.

Cralitz, jovem naturalista, morreu pouco após a sua volta do Brasil, e Marcgrav faleceu em 1644, sete anos depois da sua chegada ao Continente Americano. A morte fulminou-o nas costas da Guiné, na África, aonde êle fôra depois do Brasil, a fim de proseguir nas suas pesquisas. A febre, que grassava então na Guiné, matou-o aos 34 anos. Todavia, tendo vivido tão pouco, o autor dos desenhos em questão (os da segunda sobrecapa) deixou, além de uma descrição do Brasil, obras sôbre Astronomia, com a descrição de tôdas as estrêlas do Hemisfério Sul, uma nova teoria sôbre os planetas inferiores, uma teoria sôbre a refração e as paralaxes, uma teoria sôbre as coordenadas de um ponto e um tratado sôbre os métodos corretos de determinação da extensão do globo terrestre. Após a sua morte, êsses trabalhos astronômicos foram transmitidos pelo príncipe, então já de regresso à Europa, a Golius (8), famoso professor de Leyde, para serem editados, mas infelizmente não vieram a público, por razões desconhecidas, e provavelmente se perderam. E no entretanto, afirma Lichtenstein, se êles se tivessem conservado para os pósteros, Marcgrav poderia colher os louros que mais tarde couberam a Lacaille (9) e La Condamine (10).

Um destino mais feliz esperava outra parte dos seus trabalhos, com observações da natureza do Brasil, muito precio-

(8). — Jacobus Golius (Good), eminente orientalista holandês (1636-1667), professor de Línguas Orientais e de Matemática na Universidade de Leyde, participou ativamente de quase todos os empreendimentos holandeses na Ásia, África e América. O mais recente estudo a seu respeito é: W. M. C. Junynboll, *Zeventiende — eeuwse Beoefenaars van het Arabisch in Nederland*. Utrecht 1931, 119-183 (com um retrato junto à pág. 128) e passim (essas informações sôbre Golius foram fornecidas amavelmente ao autor pelo acadêmico I. A. Kratchkóvski).

(9). — O astrônomo francês Nicholas de-Lacaille, 1713-1762, membro da Academia de Ciências francesa.

(10). — O matemático e escritor francês Charles Marie La Condamine, 1701-1774.

sas na época, e ilustradas por êle pessoalmente. Esses trabalhos foram entregues a Maurício de Nassau pelo médico-mor Piso (que o acompanhara ao Brasil), para sua publicação, juntamente com as observações pessoais do médico sobre o clima do Brasil, as doenças que ali grassavam e os mais conhecidos processos terapêuticos locais. No entanto, assoberbado por outras ocupações, o Dr. Piso não pôde atender àquele encargo, e por isto confiou a ordenação dos papéis de Marcgrav, referentes à natureza do Brasil, ao cientista Doutor Johannes de Laeta (11), graças a cuja recomendação, conforme já se disse, Marcgrav fôra levado ao Brasil pelo príncipe.

A tarefa se revelou difícil. Temoroso de que alguém se apossasse dos seus trabalhos, Marcgrav fizera tôdas as suas anotações em fôlhas sôltas, numa escrita cifrada que inventara. Laeta encontrou a chave da escrita com grande dificuldade, arrumando as notas na devida seqüência, e o texto de Marcgrav foi entregue à impressão, juntamente com os manuscritos do Doutor Piso, enquanto os desenhos de Marcgrav eram encaminhados a uma oficina, para serem gravados em madeira. Infelizmente, De Laeta executou o trabalho editorial sem o necessário apuro, os desenhos foram reproduzidos ora com inexatidão, ora em partes inadequadas do texto, ora em lugar dos desenhos de Marcgrav se tomaram, de outras edições, ilustrações prontas.

Isto levou Piso a publicar, dez anos depois (1658), um livro sobre o mesmo tema, com o nome **De India utriusque re naturali et medica**. Todavia, esta obra saiu com erros ainda mais graves que os do livro anterior.

Tal foi o destino dos trabalhos de História Natural de Marcgrav, no que se refere ao texto. Quanto à sorte dos desenhos, destinados a ilustrar o livro, que pela primeira vez levou ao conhecimentos dos cientistas europeus fatos referentes à natureza brasileira, existem, conforme já se disse, duas versões: Lichtenstein supõe que os originais desses desenhos foram apresentados ao grande-eleitor de Brandenburgo, enquanto Horkel afirma que os originais se perderam no incêndio que ocorreu quando se imprimia o livro, e que, por conseguinte, o grande-eleitor recebeu apenas cópias.

Desta ou daquela maneira, cópias ou originais, os desenhos foram transmitidos, num estado de grande desordem, ao médico-mor do grande-eleitor, o famoso lingüista Mendel, que levou quatro anos para pô-los em ordem, distribuindo-os, em quatro

(11). — Geógrafo flamengo, diretor da Companhia das índias, falecido em 1649.

volumes de tamanho muito grande e em dois volumes menores, com 425 e 326 desenhos respectivamente. A seguir, essas coleções se perderam, sendo redescobertas por Schneider (12), que escreveu sôbre elas um pequeno artigo, em 1786, no **Magazin für Naturkunde Oekonomie**.

Segue-se, cronològicamente, outro longo trabalho, citado por mim acima, de autoria de Lichtenstein e publicado em 1818.

Falta ainda esclarecer as circunstâncias em que uma parte dessas velhas cópias de desenhos de Marcgrav e de Post foram parar na Academia de Ciências de Petersburgo, atual Academia de Ciências da U.R.S.S. Em todo caso, a nossa coleção de desenhos constitui apenas parte dos que seus autores realizaram. Nessa coleção figuram ao todo 145 fôlhas com representação apenas de animais, enquanto em Berlim existem 781 figuras, com representação de "Animais, plantas e frutos".

Qual teria sido, na época, a importância científica desses desenhos e das descrições por êles ilustradas?

Segundo o testemunho de Lichtenstein, a Europa nada sabia, antes da expedição de Maurício de Nassau, sôbre as plantas e os animais do Brasil, e, por conseguinte, os livros e desenhos ora examinados constituíram para os estudiosos europeus verdadeira revelação.

Em seu trabalho **Evolution de l'ornithologie** (Paris 1925), Bouviet afirma que Marcgrav realizou a primeira pesquisa científica sôbre a natureza brasileira. Infelizmente, dado o pouco apuro da edição, nem todos os desenhos de animais e suas descrições foram incluídos no livro, e por isto muitos animais descritos e desenhados pela primeira vez por Marcgrav e Post figuram, em trabalhos posteriores, como até então desconhecidos. Mesmo assim, durante muito tempo, êsses livros e desenhos constituíram a única fonte sôbre a América Latina.

É preciso ter em mente que, após a expulsão dos holandeses, os espanhóis impediram durante cento e cinquenta anos a entrada de estrangeiros no Brasil. Os materiais de Marcgrav e de Post permaneceram, por isto, como os únicos sôbre a América do Sul, sendo utilizados por Johnston, Ray (13), Brisson (14), Lineu, Buffon e outros. Lichtenstein chega a aventar que nem todos os animais representados e descritos por Marcgrav eram conhecidos pela ciência no comêço do século XIX. Alguns

(12). — Johann Schneider, 1750-1822, filólogo e naturalista alemão, Professor de Filologia na Universidade de Frankfort-sôbre-o-Oder.

(13). — Ray (John), naturalista inglês, 1628-1704.

(14). — Brisson (Brisson Mathurin Jacques), 1723-1806, naturalista e fisico francês.

dêles talvez representassem formas ancestrais e selvagens de animais ora domesticados e que não se encontram mais em estado selvagem (seria, por exemplo o caso das cobaias representadas por Marcgrav).

Infelizmente, em consequência de gravação incorreta, muitos desenhos do livro deram origem a erros por assim dizer “hereditários”, nos trabalhos ulteriores, e suscitaram uma série de hipóteses duvidosas. Deve-se observar, ainda, que também os desenhos originais e as explicações que os acompanham, tanto as do texto como as das notas escritas por Maurício de Nassau, freqüentemente atentam, numa medida considerável, contra a exatidão.

Assim, junto a uma representação bem problemática de um espécime, que, a julgar pela aparência, deveria ser incluído entre os cães, há uma explicação de Maurício de Nassau, no sentido de que o referido animal tinha a denominação local de jaguar e que se caracterizava pela lentidão e moleza.

Na descrição de Marcgrav, o *Lepus brasiliensis* figura como sem cauda (**cauda nulla**), mas no desenho êle aparece com cauda. Provavelmente, por descuido, a descrição foi acompanhada de um desenho de outra espécie de lebre.

A anta foi desenhada com grande incorreção, mas a caracterização que acompanha o texto é muito exata para a época.

As pernas do guanaco são de todo fantásticas, providas de numerosas unhas salientes, e isto é tanto mais surpreendente quanto, entre os desenhos originais de Marcgrav existentes na coleção berlinense de Mendel, há, segundo o testemunho de Lichtenstein, uma representação excelente dêsse animal.

Pode-se jogar da originalidade com que os cientistas da época descreviam, às vêzes, os animais, pelo seguinte trecho de uma caracterização do “sátiro”, isto é, orangotango, que se encontra na segunda edição do livro de Piso, referente à fauna de ambas as Índias daquele tempo (do Velho e do Novo Mundo) (devemos a tradução do latim à amável colaboração de A. I. Maléin, membro-correspondente da Academia de Ciências):

“Entre alguns plantígrados, representantes de ambos os sexos, que observei pessoalmente, merece especial atenção a fêmea do sátiro, cuja figura também apresento aqui. Ela se ocultava, com particular vergonha, das pessoas que lhe eram desconhecidas, fechando em seguida o rosto (que me seja permitido expressar-me assim) com as mãos, chorava em abundância, emitia gemidos e representava outras ações humanas. Pode-se dizer que ela possuía tu-

do o que é humano, com exceção do dom da palavra. Os javaneses afirmam, porém, que indivíduos de ambos os sexos têm o dom da voz, mas não querem falar, para não serem forçados ao trabalho. E' engraçado, juro por Hércules! Chamam-na de orangotango, que significa homem da floresta. Conta-se que êstes animais nascem de... mulheres indianas, que se unem com macacos, mas nisso (o autor cita em seguida Juvenal) "nem as crianças acreditam, com exceção daquelas que ainda se lavam gratuitamente". Mais adiante, na ilha de Bornéu, no interior dos domínios do rei Sukodan, que são visitados pelos nossos mercadores, encontram-se, perto de Orisa e Adamanta, homens da montanha providos de cauda. Muitos dos nossos viram-nos na côrte do rei Sukodan. Servelhes de cauda uma saliência do cócix, que se alonga de 4 ou mais dedos, assemelhando-se a um rabo cortado de cachorro... As florestas javanesas abrigam ainda muitos outros tipos de macacos".

Eram dêsse jaez as descrições científicas dos animais no século XVIII (15).

* *
*

AS EXPEDIÇÕES DO ACADEMICO G. I. LANGSDORFF AO BRASIL (1821-1829).

O acadêmico extraordinário Grigóri Ivánovitch Langsdorff, nomeado em 1812 cônsul no Brasil, permaneceu nesse cargo até 1820. Foi a partir dessa data que, a bem dizer, começaram os seus estudos sôbre a natureza e a população do Brasil, e tiveram início as coleções brasileiras dos museus da Academia de Ciências. As atas da Conferência dêsse período registram freqüentemente a chegada de cartas e encomendas de G. I. Langsdorff, e entre os documentos que acompanham as atas figuram os seguintes originais e listas de coleções por êle remetidas:

- 1). — Relação de peles de aves, enviadas do Brasil (fl. 1, op. 2, 1815, § 61).

(15). — Artigo de M. Solovióv, in "Academia de Ciências da U. R. S. S. Arquivo de História da Ciência e da Técnica". Volume 2, págs. 217-225, 1934.

2). — Carta de G. I. Langsdorff sôbre o envio por êle feito, à Academia, de 13 caixas de coleções (fl. 1. op. 2, 1819, § 32).

3). — Lista das coleções recebidas (fl. 1, op. 2, 1821, §§ 118, 207, 225).

4). — Cartas de G. I. Langsdorff (fl. 1, op. 3, n.º 76 (1812-1813), fls. 310, 339, 355; n.º 77 (1814-1816), fls. 63, 64, 70, 93, 225; n.º 78 (1818), fls. 94-97).

Tendo regressado à Rússia em 1821, G. I. Langsdorff quis partir com uma caravana comercial para Bukhara, e até viajou com esta intenção para Orenburgo (1), mas essa expedição foi adiada, e ao mesmo tempo Alexandre I nomeou-o pessoalmente para uma viagem ao Brasil, na chefia de uma expedição científica, equipada com os recursos do “Gabinete de Sua Majestade”, e na qual permaneceu até 1829. Regressando à Europa gravemente enfermo e incapaz de trabalhar, em consequência de perturbação mental, Langsdorff não pôde elaborar os materiais científicos por êle reunidos e, após a sua morte, ficou de todo ignorado até o local onde êles se encontravam. Esta circunstância determinou o esquecimento completo da sua expedição, durante quase cem anos (2).

Em 1914-1915, a ocorrência, no início do século passado, de uma “grande expedição russa ao Brasil”, foi estabelecida pelo membro de outra expedição russa ao mesmo país, então realizada, G. G. Manizer, que trabalhara, antes de sua partida de Petersburgo, no Museu Etnográfico da Academia de Ciências, e que notara a existência ali de numerosos exemplares com a inscrição lacônica “Langsdorff”. Visitando o Museu do Rio de Janeiro, G. G. Manizer ficou impressionado com a semelhança entre os exemplares ali existentes e os da Academia de Ciências. Conversando com habitantes do Rio de Janeiro, ouviu, pela primeira vez, falar da expedição de Langsdorff. Voltando a Petersburgo, êle transmitiu essas informações a K. K. Hilsen, chefe da Seção Sul-Americana do Museu de Antropologia e Etnografia. Êste se dedicou então à pesquisa de dados bibliográficos e de arquivo, que o levaram a estabelecer algumas informações sôbre a história da organização daquela expedição,

(1). — Hoje Schkalov (B. S.).

(2). — O autor da presente nota refere-se evidentemente à Rússia e não ao Brasil, onde a expedição não ficou prôpriamente esquecida (B. S.).

(3). — Uma notícia sucinta pode ser encontrada no artigo de I. D. Striélnikov, A expedição russa do acadêmico Langsdorff ao Brasil, 1821-1829.

sôbre os seus membros e sôbre os trabalhos por ela realizados. Na base dos dados coletados por K. K. Hilsen, G. G. Manizer escreveu depois uma vasta biografia e uma descrição da expedição de G. I. Langsdorff na revista "Priroda" (4), 1929, N.º 1, coluna 53 e seg.).

O trabalho de G. G. Manizer foi apresentado e aprovado para publicação, mas isto não se deu (5). Atualmente, depois de revisto e completado com novos dados, êle deve ser publicado pelo Instituto de Etnografia da Academia de Ciências (6), sob a responsabilidade de N. G. Schprintzin, colaborador do Museu (7).

K. K. Hilsen e G. G. Manizer puderam utilizar apenas algumas edições estrangeiras, até então publicadas, bem como as Atas da Conferência da Academia de Ciências e as cartas de Langsdorff à Academia. Os diários e notas sôbre as suas observações consideravam-se perdidos. Tendo ocorrido em 1929 a reorganização dos trabalhos de conservação dos arquivos, teve como consequência um registro sistemático e uma concentração dos materiais dispersos por diferentes repartições da Academia de Ciências. E isto permitiu ao colaborador científico da Academia, L. B. Modzalévski, encontrar, em meio a papéis casuais do Museu de Botânica da Academia, o fundo arquivístico de G. I. Langsdorff, consistindo em diários da expedição, desenhos, notas científicas e alguns materiais referentes à organização da mesma (8).

(4). — "A Natureza" (B. S.).

(5). — O próprio Manizer falecia pouco depois, tendo deixado, além daquele estudo, vários outros sôbre o Brasil, estando publicados: Os Botocudos, segundo observações durante minha permanência entre êles, 1915, traduzido para o francês e divulgado, em 1919, e nos "Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro", vol. XXII; A música e instrumentos musicais de algumas tribos do Brasil, traduzido para o português e publicado, em 1934, pela "Revista Brasileira de Música", vol. I, Rio de Janeiro; diversos artigos na imprensa russa; trabalho apresentado póstumamente com o título de Les Kaingangs de São Paulo, ao "XXIII Congresso Internacional de Americanistas", em Nova York, 1930 (bibliografia extraída do livro de Manizer sôbre a expedição) (B. S.).

(6). — A obra saiu publicada em 1948, pela Gueografguiz (Editôra Estatal de Obras Geográficas). Tivemos ocasião de resenhá-la, no Suplemento Literário do jornal "O Estado de São Paulo" (27-4-1957) (B. S.).

(7). — V. o artigo de N. G. Schprintzin "A expedição do acadêmico G. I. Langsdorff ao Brasil, no primeiro quartel do século XIX ("Soviétskaia Etnográfia", 1936, N.º 1, págs. 109-120); "Descrição pitoresca da viagem de Pôrto Feliz a Culabá", de Hércules Florence ("Soviétskaia Etnográfia", 1936, N.º 6, págs. 104-110).

(8). — V. uma informação sôbre o fato, de autoria de L. B. Modzalévski, nos "Anais da Academia de Ciências da U. R. S. S." — "Vléstnik Académii Naúk S. S. S. R." — 1931, N.º 2, págs. 52-53).

A parte etnográfica dos materiais, bem como os diários de G. I. Langsdorff, estão sendo preparados atualmente para publicação, pelo Instituto de Etnografia e pelo Arquivo da Academia de Ciências. Não se pode deixar de observar que tôdas essas edições permitirão esclarecer a expedição Langsdorff apenas quanto aos seus resultados científicos (e assim mesmo, exclusivamente do ponto de vista etnográfico). E no entretanto, apresentam interesse o próprio fato do equipamento de uma expedição ao Brasil, bem como as razões e fundamentos (que dificilmente teriam sido apenas científicos), que levaram Alexandre I a colocá-la sob a sua proteção pessoal e financiá-la com recursos do seu Gabinete. Êsses dados poderiam ser encontrados nos arquivos da Seção de Leningrado do Arquivo Histórico Central, pois, no presente caso, a participação da Academia de Ciências teve caráter exclusivamente científico, que se manifestou na elaboração científica das coleções de G. I. Langsdorff.

Acadêmico extraordinário da Academia de Petersburgo desde 1812, G. I. Langsdorff, antes da sua partida para a Expedição Brasileira, em 1821, escreveu para a Conferência da Academia de Ciências, informando-a da sua nomeação e oferecendo-se para encargos de natureza científica. Ao mesmo tempo, além de outras questões miúdas, que abordou, pedia à Academia que, após o regresso da expedição, incluísse entre os seus colaboradores o zoólogo do Museu Real de Paris, E. P. Ménétrier, que partia com êle na mesma expedição. Rêndendo preito à colaboração científica de G. I. Langsdorff aos trabalhos da Academia, a Conferência considerou supérfluo dar-lhe quaisquer atribuições ou instruções particulares; os demais pedidos, inclusive o referente a E. P. Ménétrier, foram deferidos pelo Presidente (9). As cartas enviadas por G. I. Langsdorff à Academia em 1821-1829 estão quase tôdas desaparecidas. Somente no Suplemento à Ata da Conferência, referente a 27 de junho de 1821, há, de autoria de G. I. Langsdorff, o "**Catalogue générique des insectes apportés du Brésil par G. V. Langsdorff**" (10). Com referência a outras cartas, aparece apenas

(9). — Regressando a Petersburgo, E. P. Ménétrier foi aceito para o cargo de conservador do Museu de Zoologia da Academia de Ciências, e em 1855 eleito membro-correspondente da Academia, na Seção das Ciências Biológicas. V. Atas de 1821, 20 de junho (§ 210), 4 de julho (§ 232). Nos Suplementos às Atas, há uma comunicação de G. I. Langsdorff à Conferência (fl. 1, op. 2, 1821, §§ 210, 232).

(10). — Fl. 1, op. 2, 1821, n.º 225, 6 fls.

uma alusão em cada uma das seguintes Atas: 1822, 21 de agosto (§ 242) e 20 de novembro (§ 377); 1823, 25 de agosto (§ 290); 24 de novembro (§ 322) — nesta, há uma referência, entre outras coisas, ao fato de que os manuscritos e encomendas recebidos de G. I. Langsdorff deveriam ser encaminhados ao diretor do Jardim Botânico, Prof. F. B. Fischer; 1825, 23 de fevereiro (§ 58); 17 de agosto (§ 225); 1826, 11 de outubro (§ 327) (11).

O fundo arquivístico de G. I. Langsdorff, incluído em 1930 no Arquivo da Academia de Ciências, contém os seguintes materiais:

1. Diários de viagem, que tratam da passagem por diferentes partes da província de Minas Gerais (17 cadernos) e pelo Brasil em geral (7 cadernos); um caderno à parte intitulado **Bemerkungen auf einer Reise im Innern von Brasilien, Angefangen im April 1826 von Wilhelmine Langsdorff, fortgesetzt von G. Langsdorff**, e mais alguns cadernos de conteúdo análogo (12).

2. Apontamentos científicos, de natureza econômica e geográfica, por exemplo: **Viehzeit in Minas, Kurze Bemerkungen ueber die Diamant-Minen von Serro do Frio in ihrem gegenwärtigen Zustande der Verwaltung und Möglicher Verbesserung** (traduzido do português). Informações estatísticas e geográficas, intituladas: **Beobachtungen und Bemerkungen in der Provinz von Matto-Grosso**. Há também informações semelhantes sobre o Brasil em geral (13).

3. Materiais sobre História Natural: **Zoologische Journal; Ornithologische Bemerkungen**; listas de coleções, etc.; materiais sobre a raiz **Cainca** e suas propriedades medicinais (14).

4. Materiais lingüísticos: **Grammatik der brasilianischen Sprache; Einige Sprachproben der lingua geral Brasiliana** e outros; **Vocabulaire de la langue des Botocoudys** (15).

(11). — No "St. Petersburg. Zeitung", de 29 de junho de 1828, N.º 52, foi publicado o

Extrato de uma carta do Sr. Von Langsdorff à Conferência da Academia de Ciências de S. Petersburgó. Cuiabá. Capital da província de Mato Grosso.

(12). — Fl. 63, op. I, N.ºs 2-4, 7-8.

(13). — Fl. 63, op. I, N.ºs 1, 5, 10-11.

(14). — Fl. 63, op. I, N.ºs 12, 13.

(15). — Fl. 63, op. I, N.º 14.

5. Cópias de cartas a K. V. Nesselrode (16) e outros e cartas recebidas por G. I. Langsdorff (17). Conservou-se também a correspondência sobre o recebimento das coleções de G. I. Langsdorff pela Academia de Ciências e sobre a venda, ao Jardim Botânico, da coleção do botânico Riedel, membro da expedição (18).

(16). — O conde Karl Vassilievitch Nesselrode (1780-1862), ministro das Relações Exteriores da Rússia em 1816-1856). — (B. S.).

(17). — Fl. 63, op. I, N.ºs 17, 18.

(18). — Fl. 5, op. I, 1829, N.º 30. Sobre G. I. Langsdorff, V. as seguintes edições: E. Saint-Maurice Cabany, Notice nécrologique sur le baron George-Henri de Langsdorf, Extrait du Nécrologe universel du XIX siècle (Paris, 1853, págs. 5-15, com 2 retratos), bem como Trabalhos do Arquivo da Academia de Ciências — Trudi Arkhiva A. N., Vol. I, 1933. pág. 94.

(Trabalhos do Arquivo da Academia de Ciências da U. R. S. S., Vol. 4, págs. 167-171).